



# Crônica de um desastre anunciado: a queda do arquivo histórico da cidade de Colônia

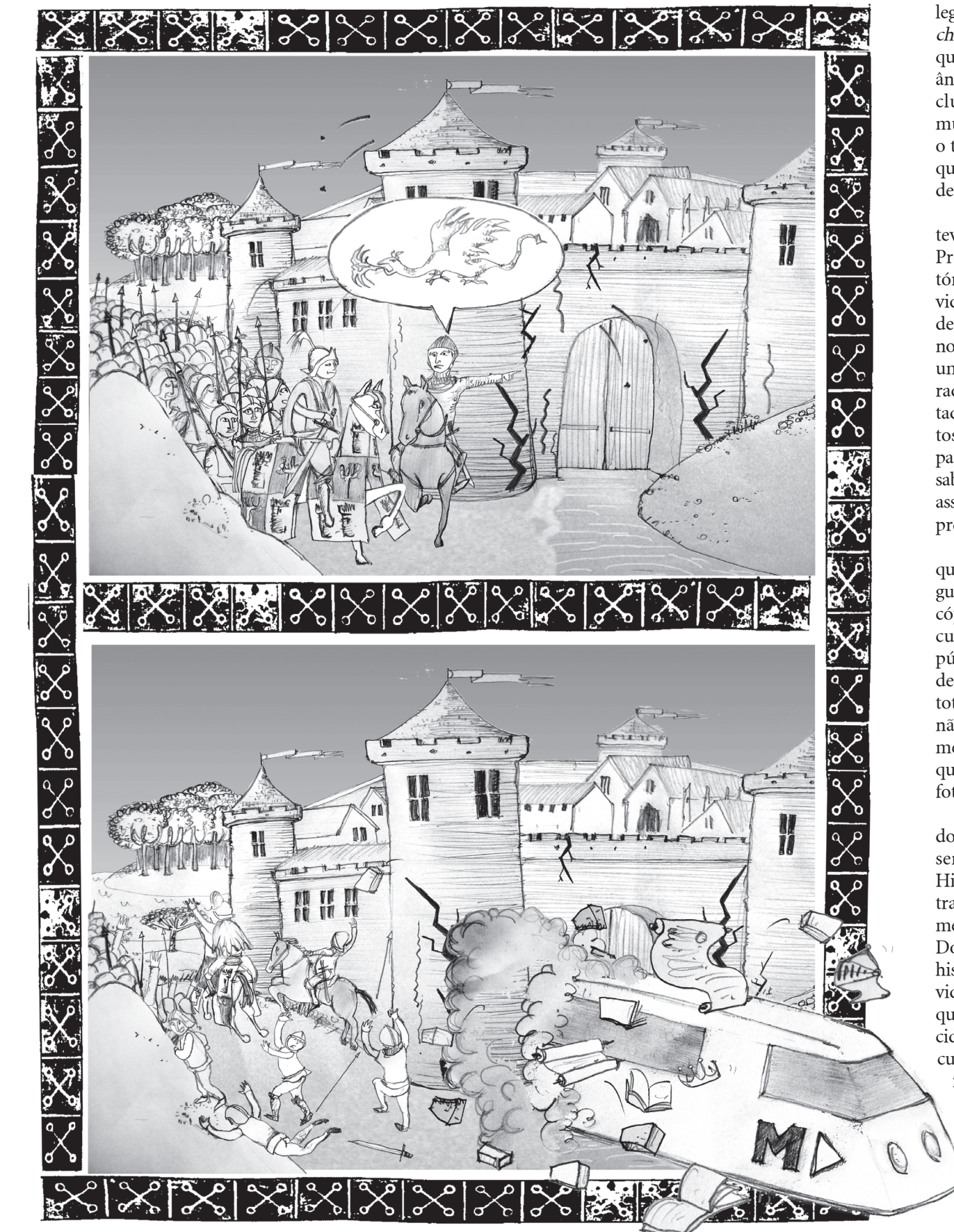
Cybele Crossetti de Almeida \*

Sessenta e cinco mil documentos desde o ano 922, 26 quilômetros de estantes com documentos e 500 mil fotos da vida da cidade, além de mapas – antigos e atuais –, livros, etc. Tudo isso foi perdido em poucos minutos.

Para além de teorias conspiratórias que pretendam ver na destruição do arquivo histórico da cidade de Colônia (*Historisches Archiv der Stadt Köln*, sigla em alemão HASTK) um ato terrorista, ou algo do gênero, a mais provável e prosaica resposta é o simples descaso com a História, materializado, nesse caso, na construção de um metrô na rua em que se localizava o arquivo – não apenas o mais importante de Colônia, mas um dos mais importantes da Alemanha e, sob alguns aspectos, da Europa. O inédito é encontrar esse descaso em um país de primeiro mundo, em que normalmente a História é preservada de uma maneira bem mais séria e profissional do que nos países de terceiro mundo.

Durante meu doutorado, pesquisei diariamente por quase três anos no arquivo de Colônia. Três de março de 2009 é um dia triste para os historiadores (e em particular para os medievalistas). Ouvi comentários de que o que aconteceu em Colônia é resultado da *modernidade*. Mas o pior é que não é só na *modernidade* que encontramos o descaso com a história e o conhecimento. Pode ser encontrado em qualquer época, como lembra a história da biblioteca de Alexandria. E também na Idade Média, quando muitos escribas raspavam manuscritos antigos para fazer novos ou ainda usavam pergaminhos antigos como capas de livros.

O mais triste em Colônia é que a tragédia poderia ter sido evitada. O arquivo e seu acervo sobreviveram a séculos de conflitos, incêndios, à invasão napoleônica, a duas guerras mundiais. E, no entanto, desde 2004 – início das obras do metrô –, os problemas se acumulavam: em 2005, a torre da igreja São João Batista, na Severin Strasse, vergou, devido a problemas no subsolo – ficando conhecida como a *torre inclinada de Colônia* – e, ainda no mesmo ano, desabou uma parte do



teto da igreja Santa Maria im Kapitol. Em 2006 – sempre ao longo da linha de construção do metrô –, abriu-se um buraco na Clodwich Strasse e, em

2007, foi a vez da torre do antigo prédio da prefeitura (Rathaus) ficar inclinada, o que levou à interdição do prédio que funcionava desde a Idade

Média. Já em 2008, o arquivo mostrava rachaduras que indicavam abalos em sua estrutura. Mas nada pode deter o progresso! Ouvi também de co-

legas alemães que é a famosa *kölnische Klüngel* (camarilha de Colônia) que volta a se manifestar: corrupção e ânsia de poder também não são exclusividades de países de terceiro mundo. É o que se pode pensar ao ver o traçado desses desastres, com o arquivo no meio, em um raio de menos de um quilômetro.

O professor Klaus Militzer, que estive conosco no Departamento e no Programa de Pós-graduação em História da UFRGS como professor convidado, durante o primeiro semestre de 2008, e trabalhou durante 30 anos no HASTK, escreveu-me contando que uma grande parte do material foi retirado dos escombros. Mas em que estado esse material se encontra, quantos anos ou décadas serão necessários para recuperá-los – isso ainda ninguém sabe. Papéis e pergaminhos são frágeis, assim como a vida humana. Nem sempre é possível recuperá-los.

Existem, é claro, microfimes de quase todo o acervo do HASTK que são guardados em outros lugares (aliás, há cópias microfilmadas de todos os documentos importantes de arquivos públicos da Alemanha: as duas grandes guerras no século XX não foram totalmente em vão), mas microfimes não substituem originais. Microfimes são como fotografias de pessoas que amamos. Melhor é ter ambas: as fotos e as pessoas.

A perda de uma parte incalculável dos documentos do HASTK afeta um sem-número de pessoas, porque a História tem um caráter universal que transcende o local em que um documento foi produzido ou armazenado. Documentos são as ferramentas do historiador; com elas, reconstruímos vidas humanas passadas. Indivíduos que, muitas vezes, não seriam conhecidos para além do seu pequeno círculo, ganham vida quando reconstruímos e contamos a sua história – a nossa história: porque a História é o que dá identidade aos humanos, é o que nos separa de nossos primos, animais. É resultado direto da consciência de nós mesmos e da importância do registro dos nossos feitos, memoráveis ou lamentáveis.

\* Medievalista, professora do departamento e do pós-graduação em História, IFCH/UFRGS

## “Do assombro nasce o conhecimento”

Claudia Porcellis Aristimunha \*

Assertiva de Bacon (apud Bettelheim, 1991) retrata bem o que deveria ser o fazer das instituições culturais, principalmente as que guardam bens patrimoniais. Estas últimas, chamadas de memória, ao trabalharem com a experiência que transcende a escrita, a fala e a leitura, podem constituir-se de espaços em que aflorem sentimentos de estupefação, admiração, assombro, portanto de construção de conhecimento.

Partindo dessa constatação, quero defender aqui a importância, o valor e as possibilidades desses espaços de preservação de memória. Os museus, bibliotecas, arquivos são espaços de convivência, pesquisa, encontro, resistência, lazer, silêncios e “barulhos”, proporcionados pelo contato com a memória e o esquecimento.

Por que defendo essa posição?

Desde o século passado, esses lugares de memória – entre eles especialmente os museus – vêm sofrendo transformações, se movimentam. Seja por conta das pressões políticas, sociais, econômicas ou tecnológicas, os museus não cabem mais em si. Esses movimentos nem sempre demonstram uma profunda e consistente

reflexão conceitual, fruto do fim (?) da Modernidade. Como diz Mário Chagas, essas mudanças e movimentos podem até ter um caráter interno, mas existem aqueles que “se agitam como loucos” e outros, ainda, que “se movimentam sem sair do lugar”.... De qualquer forma, estabelecem as condições para que o assombro aconteça.

Em primeiro lugar, as instituições de memória, por preservarem bens que documentam um recorte espaço-temporal, podem ser consideradas locais, independentemente de sua abrangência. Por serem delimitadas espaço-temporalmente, constituem-se espaços de resistência frente à massificação, à desmemorialização e à fragmentação das identidades.

Embora sua origem como “lugares” para a valorização do nacional, dos poderes, dos passados grandiosos, os museus, arquivos, bibliotecas tornados instituições públicas se multiplicam e chegam à atualidade com um caráter coletivo. Para além da frequente atribuição de casas de guarda do “tesouro”, mesmo que, e por isso mesmo, guardando os testemunhos materiais de determinados períodos históricos, apre-

sentam, por meio destes, diferentes valores simbólicos na tentativa de construção de uma leitura que possa vincular o presente e o passado, anunciando que esse tesouro guardado no museu não traz em si *uma* história nem *a* verdade, mas uma possibilidade. É sempre possível mais uma leitura.

Em segundo lugar, encontrar nos objetos, na forma como estão dispostos, no documento que procuramos tanto, na comprovação ou na descoberta o motivo para estupefação faz parte dessa relação indivíduo, objeto e memória. O contato com tais artefatos culturais poderá propiciar uma vivência que intermediará uma leitura de mundo, que pode ser definida por envolver não só uma “alfabetização” cultural, mas a compreensão dos aspectos socioculturais que estão postos neste mundo. Assim como aprendemos a ler as palavras, devemos aprender a ler os/nos objetos, ou seja, desvendar a história que há na sua materialidade.

E, nesse sentido, os museus são lugares de memória por excelência. Têm a tarefa de guardar e expor parte do que foi sonhado e materializado, seja nas artes, na política, na tecnologia,

nas ciências... Aquilo que não deve ser esquecido e que nos faz lembrar que fazemos parte da história.

O Museu da UFRGS, nesses 25 anos (a completar em novembro deste ano), vem preservando a memória e a identidade desta Universidade – no que diz respeito ao seu legado histórico e também à sua produção intelectual e artística cotidiana –, bem como a memória da cidade de Porto Alegre. Disponibilizando para pesquisa, exibindo em uma narrativa, colaborando para relembrar momentos desta instituição e da capital por meio de seu acervo constituído de fotos e de documentos, tenta contribuir para provocar o tal assombro em seus usuários.

Nosso papel de preservar e comunicar essa história, esse passado que é renovado a cada inserção, a cada pesquisa, a cada exposição, vem sendo construído com a contribuição de cada sujeito desta Universidade e de sua relação com a cidade. Faça parte dessa construção.

\* Historiadora – Mestre em História e Especialista em Museologia Patrimônio Cultural e Diretora do Museu da UFRGS